

A PLEBE

Pela liberdade —
contra todas as
formas de
ditaduras!

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Ávulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

1.º de Maio

Não é uma data festiva. É um brado de protesto e uma afirmação de propositos reivindicadores. É uma data que figura na historia como um episodio epopeico das lutas em prol de sempre mais largos horizontes de liberdade e de justiça social

DO FUNDO DAS IDADES: ora fio de agua cantando, ora torrente rugidora — a Idéia rola. E avassala. E domina. Foi virtude com Buda; amor com Jesus. Na Grécia chamaram-lhe filosofia e era o conhecimento da causa; em Roma foi fé e vivem nas catacumbas.

Foi sonho em todos os ergastulos, e nos postos da ignominia — refrigério.

Foi — é — revolta!

Inspirou Spartacus e os escravos; era a alma das "jacqueries" medievais; esteve na tomada da Bastilha. Começou a moldar rudemente, ainda sumariamente, que a argila é dura, — a Espanha. Ditou a Enciclopedia e tinha então punhos de renda; e ainda ontem passou por aqui, erguido no alto, como uma bandeira, pelo povo que tinha fome.

A Idéia — a unica capaz de se personificar assim — gerou-se no tórax das gargalheiras, nutre-se da dor. Onde estão um escravo e um faminto e um incompreendido — ela está velando. As vezes não a sentem os tristes, e morrem sem a conhecer.

Enconecidos pela ambição, pelo orgulho, os poderosos fingem não a ver e quando ela, — vestida a tunica inconsultil da verdade — lhes aparece em sonhos, correm, daltos, a apunhalá-la.

Mas ela reina no mundo. Não há império que tenha tantos súditos, nem religião com tantos adeptos.

A sua ronda vai de Oriente a Ocidente e de polo a polo. Levantam-se muralhas, acendem-se fogueiras, fecham-se portos, erguem-se cadafalsos — para lhe impedir a marcha. E ela passa. Cavalgada fantástica, quanto não dariam os reis para a ter como escolta!

Os prodígios que se têm feito, a inteligência que se tem posto à prova, o dinheiro que se tem dissipado para evitar que as idéias libertarias se propaguem! Há legiões de homens, armados até aos dentes, que fazem dessa tarefa o objetivo de toda a sua vida. Insensatos!

Quando julgam tê-las sufocado na América fazendo funcionar a cadeira elétrica, elas surgem na França e são Comuna; quando supõem jugulá-las, espingardeando Ferrer em Montjuich, elas reaparecem nos campos e corporificam-se em Casas Viegas.

Milhares de anos de violências, seculos de escravidão foram incapazes, sequer, de atenuar o arrebatamento das idéias. As vezes, na sua carreira vertiginosa, elas estancam. Descansam. Refazem-se de forças, para continuar, formidáveis. O orgulho dos poderosos chega a supor que, numa cilada, as detem. Ao cabo encontra, no canto dum carcere, um farrapo humano, ou, no fundo dum fosso, um cadaver. E elas lá seguem o seu caminho, sempre para o alto, sempre para a luz.

Ouve-se ao longe o tropel da cavalgada. Que acordem os que ainda dormem. E' tempo.

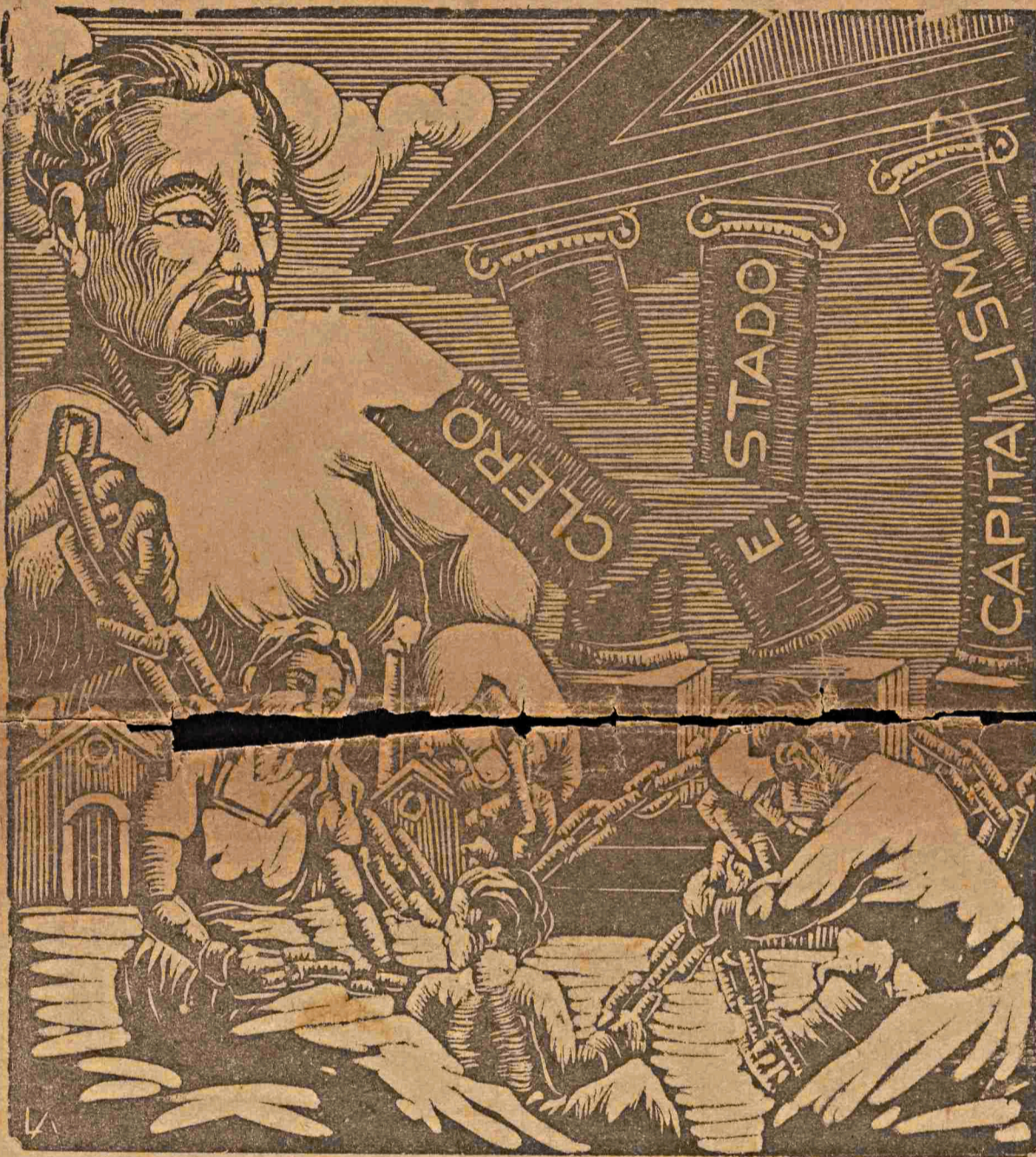
E' o triunfo da Justiça, é a vitória do Amor que chegam; abramos-lhes os nossos corações.

Poderosos, sou a vossa hora. Ricos, começa a restituição. Mas para quê tremer, se acabou a violência?! Sou a vossa hora, para o trabalho; começa a restituição do vosso superfluo. Mais nada. O sangue, esse era só vosso gpanágio; a dor, a vossa arma de combate; a extorsão, a vossa tática.

Para nós, não. A Idéia, que nos deu longanimidade para suportar os vossos vexames e as vossas prepotências, ainda nos exalta para que vos perdoemos.

Sede bem vindos ao seio da Sociedade Nova. Estão ali as ferramentas, além os campos para arrotar. Vamos, que o tempo urge. É dia claro já e foi longa e penosa esta noite.

O ideal que foi revolta e liberdade, agora é só — trabalho e perfeição. Ao trabalho!



Uma Pagina de Dor na Historia Proletaria

Os Martires de Chicago — assim cognominados os sublimes vultos que deram origem à comemoração do 1.º de Maio, atravessam os anos, mau grado o silencio da imprensa burguesa, como apóstolos redentores da transformação social.

A obra historica do operariado e o sacrificio dos Martires de Chicago, afirmam, poderosamente, uma moral inquebrantavel, uma ação genuinamente humana para a harmonia e beleza da especie nossa, para a reenflorescimento fisico e moral dos individuos em marcha acelerada para a cidade da Paz e do Amor!

Como é diferente o sonho de equidade e justiça da familia proletaria, do sonho do burgues detentor de todos os privilegios!

Mas, no sentimento de quase todos os individuos, a semente delicada da rebeldia social já está irrompendo os primeiros brotos. O tempo, porém, se encarregará de regar e colher as promissoras menses.

Em 11 de Novembro de 1887, ao romper dos primeiros clarões da aurora, subiam os degraus do patibulo, para serem enforcados, os inesqueciveis proletarios Alberto Parsons, Au-

gusto Spies, Adolfo Fischer e George Engel, tendo-se suicidado na prisão, evitando assim o patibulo, Luiz Ling. De então para cá, é que o mundo energias sublimes do feito a empreender!

1.º de Maio!

Tremendas convulsões sacodem o mundo todo, ávido de transformações sociais, na miragem de novas éras.

Tinge-se de cores rubras o sentimento da massa explorada, pronta ao primeiro embate para a derrubada coletiva de arcaicos costumes, de dogmas estemporaneos, despuradamente implantados no seio das familias e no fundo das oficinas.

A máquina governamental que "rege" a sociedade atual, já se vai desmantelando, pouco a pouco, pela ferrugem dos tempos, como velhos e ridiculos "ferro-carris" de antanica invenção.

Do meio das bodégas implantadas pelos magnatas da burocracia emplumada, surgem, esplendorosamente, numa ascensão de purpura revolucionaria, os primeiros raios do sol do seculo XX, tendo à vanguarda o 1.º de Maio que simboliza o advento da Era Nova.

1.º de Maio!

Não é uma data corriqueira de folhinhas: é a conquista que os operarios obtiveram das 8 horas de trabalho, e a homenagem aos sublimes Martires de Chicago, precursores dessa conquista.

1.º de Maio!

Só os operarios é que consagram essa data... Ironia! Não só para o proletario se vem formando numa robustez sadia para a sua completa e iminente emancipação.

Só mesmo os cegos de espirito é que podem duvidar do proximo advento proletario.

A reação da burguesia, com todos os seus horrores de crimes monstruosos para com a limpida liberdade que, impoluta, abre as asas num vôo redentor, embora persista no seu firme proposito de obstar à vertiginosa marcha da revolução, nada poderá fazer, quando a onda popular, rolando aos gritos de — Liberdade! —, romper o fragil dique que, milagrosamente, ainda a sustém.

Tudo se transformará, com a força herculea dos produtores, hoje atrelados ao carro da exploração, num mundo novo a florescer, para o bem

de uma futura sociedade de paz, de trabalho e de liberdade.

Que gritem os corifeus do poder contra os proletarios rebeldes à organização capitalista; que se meindre a burguesia com o sentimento renovador dos explorados; que cereele o capitalismo o lar domestico dos produtores, — mas, quando a força mascula dos explorados do trabalho, em centelhas de luz, lhes revigorar as consciencias, iluminando-as em factos deslumbrantes, — abafem-se então esses gritos, rotem por terra, como nulidade, esses capitais, e mantete-se esse sordido desprezo ante as que empregam a força dos musculos, como também para os que irradiam, para a coletividade, centelhas de inteligência, essa data não deveria ser desprecebida porque ela representa a unica manifestação de confraternidade dos povos.

No entanto, tal não se dá. Fraternidade é sinônimo de subversão...

A "Festa" do Trabalho passa ignorada... pelos que não trabalham.

1.º de Maio está fadado a esclarecer as consciencias ainda adormecidas.

Nesse dia, os idealistas batem-se com as coisas burguesas, trancam-se no mutismo de suas personalidades, medrosos com receio de enfrentar a realidade...

Não haverá, por certo, proletario que desconheca, detalhadamente, a tragedia de Chicago, onde, nas forcas, deixaram a vida os imponentes vultos, cujos nomes citamos logo ás primeiras linhas.

Rememoremos, porém, alguns fatos.

Após a celebre circular que Augusto Spies lançou ao proletariado de Chicago e que tanto abalou a burguesia, ávida de chacina, foram presos, além desse obreiro, — num comicio monstro que se realizara na praça Haymarket, daquela cidade norte-americana, comicio esse que foi dispersado pela policia, resultando inumeras mortes praticadas pelas proprias autoridades policiais — mais os seguintes: Alberto Parson, William Lenssinger, John Most, Oscar Newbe, Samuel Tiedem, Miguel Schwab, Luiz Ling, Adolfo Fischer e George Engel.

No sumario de culpa, a esposa de Alberto Parsons, numa atitude sublime, declarou que — "se o perdão de seu esposo dependesse dela ir implorar a generosidade dos vis burgueses, preferia vê-lo enforcado!"

A progenitora de Luiz Ling, escrevendo-lhe, dizia a seu filho — "que se mostrasse sempre forte e valoroso diante daquelas miserias!"

Na madrugada de 11 de Novembro de 1887, os heróicos Adolfo Fischer, Augusto Spies, George Engel e Alberto Parsons, subiram os degraus do patibulo onde deixaram a vida.

Luiz Ling suicidara-se na prisão. William Lenssinger desapareceu do carcere e John Most foi expulso do territorio ianque.

J. C. B.

Semeando Ideias...

A guerra e o principio de autoridade são companheiras; a paz e a liberdade são companheiras também. E' loucura extrema, não só recorrer à força antes que a isso obrigue a necessidade, como criar locamente as condições que conduzem a essa necessidade.

A historia da humanidade tem sido, em grande parte, uma demonstração gradual de que o individuo se beneficia, na sociedade, exatamente na proporção em que esta se torna mais livre.

Benjamin R. Tucker

O Anarquismo é a mais alta expressão da ordem. - Quer substituir a desordem de hoje pela organização livre de todos os povos do mundo - liberto das guerras e da miséria

A PLEBE

SÃO PAULO, 1.º DE MAIO DE 1949

ANO 32 — NUM. 22 (Nova fase)

O Momento que Passa

PINHO DE RIGA.

Atingimos o pináculo da crise no que tange aos destinos da humanidade, ao seu bem estar, à sua saúde e conforto, à sua marcha para o futuro.

As últimas duas grandes guerras produziram tais abalos, tão grandes estragos, tão extensa destruição de vidas, de riquezas, de utilidades que, acabados os dois terribes flagelos, a humanidade achou-se desfalcada de todas as suas reservas, dos melhores elementos da sua população, de tudo que em centenas e milhares de anos tinha conseguido edificar, conservar, desenvolver.

A guerra demorou tantos anos e estendendo-se a todas e às mais remotas regiões, tomou um caráter de cataclisma universal, subvertendo todos os valores, abalando todas as situações, pervertendo os caracteres, levando o desanimo, a ruína, a miséria e a morte a todos os recantos do globo e infelicitando muitos milhões de criaturas boas e honestas que viviam tranquilas e sossegadas, trabalhando na conquista do pão quotidiano.

O Brasil também faz parte do mundo e também entrou na guerra onde muitos milhares de jovens e generosos brasileiros perderam a vida combatendo na Itália os infames nazistas de tão horrenda memória. O Brasil gastou com essa guerra muitos e muitos milhões de contos, muitos e muitos bilhões de cruzeiros, desfalcando suas finanças, aumentando as suas dívidas, depreciando a sua moeda pelo acréscimo inaudito de suas emissões monetárias e pelos sacrifícios que todos sofrem com o desencadear de guerras terribes e sangüinárias que ecludem para desgraça e extermínio dos povos.

Há problemas atordoantes, negócios vertiginosos a estudar, a planejar e a resolver no Brasil como de resto em todos os países. O problema de produção e de transporte, da higiene e do ensino, da habitação e do trabalho; a necessidade de barrer a vida do povo tornando-lhe o mais confortável, pela aquisição de preços, tudo isto são coisas e assuntos e problemas de resolução imediata e que aí estão a desafiar a competência dos políticos, dos governantes e dos estadistas.

E como procuram todos esses senhores cumprir com os seus mais indeclináveis deveres para com o povo? Será que se devotam de animo e corpo à realização das suas tarefas inadiáveis de melhorias para o conjunto da população? Nada disso. Pelo contrário, o que mais aflige e incomoda e instiga as falanges politico-governamentais é escolher quem há de ser o presidente da Republica em 1951...

Nos arraiais políticos anda acesa uma luta de conspiratas, de conluos, de conchavos, de competições, para escolher o homem que nos há de governar daqui a dois anos, enquanto o povo trabalhador pode esperar indefinidamente, abandonado e esquecido, com falta de pão, de habitação e de instrução.

O essencial para os políticos é garantir um presidente que os garanta a eles mesmos na posição vitalicia do posto, quero e mando de que já se acham investidos. Isto, quando eles mesmos não possam ser os próprios candidatos ao supremo bastão de comando.

E' o que constitui o problema de mais imediato interesse para eles. A saúde, a moradia, o bem estar e a instrução do povo torna-se um assunto secundario, que pode muito bem esperar as calendas gregas para ser resolvido, isto é, tarde, mal e nunca, ou então, pela intervenção do Padre Eterno, se algum dia despertar do sono infinito a que jaz condenado...

O que a politica foi durante os quinze anos de ditadura do seu Getulio, o que tem sido depois da sua saída do Catete constitui a lição de coisas mais eloquente como prova de que a politica é uma grande marafona, sem vergonha, sem dignidade, sem pudor e sem palavra. Esperemos que o espetáculo, a comedia, a palhaçada a que temos assistido e a que assistimos chegue para convencer o mais cético, o mais incredulo, e levá-lo a convicção de que a politica é do tipo *bonum ou de util se potest*.



Perseguem-no, prendem-no, acorrentam-no — mas ele — o povo sacrificado — acabará libertando-se de todas as tiranias e explorações, para que se estabeleça um regime de bem-estar e liberdade para todos.

O PACTO DO ATLANTICO

Somos, por principio, contrarios à elaboração de quaisquer pactos internacionais. E por uma razão muito simples: esses pactos sempre visam a guerra. Ou provocá-la ou defender-se de quem a provoca. No fundo, mesmo os pactos que têm caráter defensivo, como o atual Pacto do Atlantico, trazem no bojo a incubação da guerra. E nós, os anarquistas, somos contra todas as guerras.

Estamos certos que nas agitações dos bolchevistas não se envolvem os anarquistas. Não se envolvem, porque as agitações provocadas pelo Pacto do Atlantico têm caráter politico e obedecem a motivos impostos pela disciplina partidaria em beneficio de uma potencia totalitaria que se sente ameaçada por esse tratado entre as potencias democraticas.

A historia nos ensina que quando começam a estabelecer-se os tratados a guerra está iminente. E' o fatalismo das derrocadas geradas pelo principio de autoridade.

Estamos, exatamente, em face do mesmo clima de odios guerreiros que precedeu e gerou a ultima guerra. Todos esses massacres, esses milhões de vidas perdidas, as cidades arrasadas pelos bombardeios, e os horrores das ocupações, não foram suficientes para despertar nos homens que são responsáveis pelos destinos dos povos, a repulsa da guerra!

As ditaduras fascistas precisavam absorver os povos para acondicioná-los à sua maquina escravizadora. E criaram uma atmosfera enervante, tensa, com as suas marchas guerreiras, o seu culto ao nacionalismo extremado que os levava ao cultivo do odio contra os povos de outras nações não fascistas, pondo, nessa obra de aniquilamento da personalidade individual, todos os seus recursos: a igreja, a escola, a imprensa, o radio, a familia.

O resultado foi essa medonha carnificina que ensanguentou os campos da Europa e da Africa, que ainda faz correr sangue na Asia, e cujas consequências todos os povos do mundo terão de sentir por muitos anos.

Com as mesmas características, empregando os mesmos métodos, o totalitarismo bolchevista está conduzindo o mundo para nova e mais perigosa psicose da guerra.

Nós condenamos o Pacto do Atlantico, como condenamos todas as alianças militares, offensivas ou defensivas, porque todos os pactos e alianças visam conservar as instituições do capitalismo, privado ou de Estado, causa e razão de ser de todas as injustiças sociais.

Pouco valem os pactos estabelecidos entre as nações, quando os interesses do capitalismo opressor exigem que esses pactos não sejam respeitados. As unicas alianças duradouras; os unicos pactos que têm finalidade construtiva e preservadores da paz, são os que os povos, não os governos, estabelecem entre si para a pratica da solidariedade e do apoio mutuo. São os que representam o abraço fraternal dos povos escravizados às conveniências do regime, unidos para o trabalho e para as conquistas da ciencia, com o proposito de estabelecer para todos os seres humanos, sem distinção de raças, cor ou nacionalidades, um regime de liberdade, mas liberdade sem mais fronteiras que aquelas oriundas dos fatalismos geologicos. Um regime onde não sejam possíveis as guerras, porque terão acabado as causas da guerra: o Estado, o principio de autoridade organizada para oprimir, responsável por todos os infortúnios e misérias.

E isso só se conseguirá com o advento do verdadeiro socialismo — o socialismo libertario — a anarquia.

SOUZA PASSOS

Portugal sob as garras do fascismo Salazarista

Apesar de todos os perigos e dificuldades que se apresentam aos militantes da sessão portuguesa da AIT, a Confederação Geral do Trabalho, estes continuam as suas atividades clandestinas, lutando pela liberdade do povo luzitano.

O órgão do movimento anarco-sindicalista português, "A Batalha", publica-se regularmente, em plena ilegalidade. Seu conteúdo nos dá uma idéia clara e positiva das finalidades, da attitude e das taticas de nossos companheiros portugueses, oprimidos, mas não vencidos.

Do ultimo numero de "A Batalha" chegado ao Secretariado da AIT, reproduzimos aqui um artigo publicado sob o titulo: — Nossa posição de sempre.

"Ao instalar-se a ditadura, nós fomos os primeiros que lhe opuseram resistencia. Lutamos contra a reação empregando na luta todos os meios; fomos, talvez, o unico obstaculo serio que a ditadura encontrou para edificar-se e manter-se.

A nossa voz foi sempre a que mais se fez ouvir, advertindo a tempo os riscos, o desastre que representaria o advento de um sistema despótico que, sobre o ponto de vista social, seria o maior e mais grave de nossa historia.

Se a ação revolucionaria da Confederação Geral do Trabalho tivesse sido acatada de uma forma mais ampla; se houvesse menos gente a combatê-la, conscientemente ou não, a ditadura não se teria mantido e teriamos agora uma situação economica e social muito diferente da que o povo português está desfrutando.

Podemos afirmar que se toda a classe operaria tivesse escutado a voz da C.G.T., não seria necessario lutar hoje contra este regime que nos oprime, nem estaríamos à mercê dos patrões, com pés e mãos atados, como é o caso deste povo que sempre soube lutar pela liberdade.

Quando, por ocasião do desconto de 2% — primeira tentativa da ditadura para sondar as possibilidades de reação da classe trabalhadora — a C.G.T. se lançou à rua com um movimento de protesto, movimento seguido por todos os seus militantes e grupos afins. Quanto à grande maioria de descontentes e outros inimigos da ditadura, é doloroso constatar que nem sequer aderiram, em parte; os resultados desta indiferença e da hostilidade contra a nossa obra revolucionária, são hoje patentes. Sofremos uma série de consequências que não teriam acontecido se tivesse havido uma reação publica mais generalizada contra a primeira tentativa deste genero. Também nos opusemos à fascistização dos sindicatos — pelo movimento de 18 de Janeiro, que pagamos tão caro, mas que, em todo caso, foi o acontecimento mais revolucionario e mais heroico desde que a ditadura se instalou no poder.

Posta à margem da lei, com a supressão de todos os seus organismos, o encarceramento e a deportação dos seus melhores militantes, a C.G.T. não se dá por vencida e prossegue na luta de sempre: tratando de organizar sindicatos clandestinos, aconselhando aos trabalhadores a que se retirem dos sindicatos oficiais, cujo papel tem sido tão funesto para a causa revolucionaria dos trabalhadores, e indicando com austeridade e audácia em que consiste a verdadeira luta contra o regime fascista. Não perdemos nunca uma ocasião para dar-lhe combate, sem dar preferéncia a nenhum partido politico que se apresente como sucessor do governo salazarista.

No plano internacional, mantemos a mesma independencia e nunca fomos simpatizantes de nenhuma potencia, partidarios de nenhum imperialismo, qualquer que possa ser a sua mascara. Até mesmo em plena guerra, quando todo mundo era partidario dos aliados ou dos alemães, nós não nos sentimos arrastados para os ingleses, os americanos, os alemães ou os russos, precisamente porque somos revolucionarios.

Nossa luta, nosso ataque revolucionario, nossa posição de sempre tende exclusiva e completamente à liquidação do sistema capitalista e à instauração de um mundo realmente novo que assegure a liberdade e o bem estar para todos."

ESPERANTO — ELO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Considerando que a lingua mundial esperanto representa, espiritualmente, pela essencia da sua doutrina, e na pratica, pelas multiplas e generosas realizações que a ele já se devem, um poderoso elo de aproximação e de confraternização, ligando os povos todos da Terra por cima das fronteiras físicas e espirituais, o que tem levado os tiranos ultranacionalistas ou imperialistas dos ultimos tempos, como o ultimo Czar da Russia, Hitler, Franco, Salazar e Stalin, a ordenar perseguições contra o referido movimento e seus pioneiros, sob a alegação de ser o idioma universal "um perigoso ácido sulfurico das fronteiras";

considerando que o ideal da lingua mundial, como instrumento de relações e aglutinação do povo e como germe da grande patria planetaria, com a qual sonhamos nós, os anarquistas, adquirir uma importancia toda particular no conturbado momento historico presente, em que o nacionalismo, fruto de um patriotismo deturpado, estreito, exclusivista, egoista e artificial, está a ponto de mergulhar, uma vez mais, a humanidade numa nova e porventura mais sangrenta carnificina.

Nós, os anarquistas, afirmamos, à semelhança do que já tem sido feito em congressos de anarquistas celebrados noutros países, a nossa mais calorosa simpatia e apoio ao movimento esperantista em geral, representada pela Liga Esperantista Brasileira, e particularmente aos representados pela Sennacieca Asocio Tutmond e pelo que tem como órgão na imprensa o jornal anarquista em esperanto "Sensatano".

"SIGNIFICAÇÃO HISTORICA DO 1.º DE MAIO"

Em comemoração da data de 1.º de Maio, o Centro de Cultura Social fará realizar, no Salão do Gremio Dramatico Hispano-Americano, à rua do Gazometro, no dia 1.º de Maio, às 15 horas, uma conferencia subordinada ao seguinte tema: Significação Historica do Primeiro de Maio. Será franqueada a entrada.

A PLEBE

Conforme ficou convencido com os camaradas do Rio, "A PLEBE" deverá aparecer no principio de cada mês, saindo a AÇÃO DIRETA, no Rio, na segunda quinzena, todos os meses. O aparecimento de um e outro desses jornais estão sujeitos, porém, às contingencias dos serviços das tipografias em que são impressos e que nem sempre podem contar com a pontualidade da mão de obra. Por essa razão, ainda não foi possível normalizar a saída de A PLEBE exatamente nos primeiros dias de cada mês. E' possível, entretanto, que a partir do proximo numero esteja a

sua publicação completamente normalizada.

Motivos de atraso na documentação necessaria à transferencia de direção do jornal, em virtude do entendimento havido em reuniões do Grupo Editor e em face da impossibilidade de continuar o companheiro Edgard Leuenroth com a responsabilidade da Redação, figura ainda neste numero o nome desse nosso camarada, que vai dedicar as suas atividades, além da contribuição e assistencia a este jornal e a outras manifestações da propaganda, à publicação de uma revista "Arquivo da Questão Social", de que já vem cogitando há tempos.